

## A PALAVRA COMO UMA DIMENSÃO DA DÁDIVA

**Renata S. Camargo<sup>1</sup>**

**Roberta L. Sogayar<sup>2</sup>**

### **Resumo**

Neste artigo, discute-se a importância das palavras no exercício da hospitalidade e da comunicação interpessoal através do conceito da dádiva, enquanto proposta de ligação e estabelecimento de vínculo. Partindo da reflexão de um texto de Caillé que aponta a palavra como uma dimensão da dádiva, conduziu-se uma dinâmica de grupo denominada pelas autoras como “Falar bem pelas costas”, com um grupo de alunos que cursavam a disciplina Cultura, Dádiva e Hospitalidade, do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi com o objetivo de ilustrar a discussão da teoria apresentada. Os principais resultados foram a percepção de que a palavra pode ser tanto um instrumento de poder como de apaziguamento. Na experiência realizada a palavra se reafirmou como uma das dimensões da dádiva.

**Palavras-chave:** Dádiva. Palavra. Relações sociais.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi, Especialista em professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais. E-mail: renatasantosmg@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi, docente e assessora técnica – Universidade Anhembi Morumbi/ *Laureate International Universities*. E-mail: rosogayar@hotmail.com

## Introdução

O conceito de dádiva foi desenvolvido por Marcel Mauss, (1923-24)<sup>3</sup>, que, analisando extenso material etnográfico, percebeu o fundamento da sociabilidade nas sociedades arcaicas pela circularidade da “tríplice obrigação de dar, receber e retribuir”, base para a formação dos vínculos sociais e alianças.

Em o *Ensaio sobre a dádiva* (1923-24), obra fundamental do autor, é postulado um entendimento da vida social constituída por um constante dar e receber. O autor demonstra que o dar e retribuir são obrigações, organizadas de modo particular em cada caso. O fio condutor da obra é a aliança. A definição de dádiva por Mauss se dá de modo amplo, onde o autor inclui não apenas presentes, mas visitas, festas e comunhões. (LANNA, 2000,p.175-176)

O conceito de dádiva tem sido revisto para análise das relações na sociedade contemporânea. A partir das conclusões de Marcel Mauss, novos autores apontam que o conceito de dádiva está presente em todas as sociedades. Godbout (1992, p.20) afirma:

O dom é tão moderno e contemporâneo quanto característico das sociedades arcaicas; ele não diz respeito apenas a momentos isolados e descontínuos da existência social, mas à sua totalidade. Ainda hoje, nada pode iniciar-se ou empreender-se, crescer e funcionar, que não seja alimentado pelo dom. A começar pelo princípio, ou dizendo de outra forma, pela própria vida, que ao menos por algum tempo, não é comprada nem conquistada, mas pura e simplesmente dada, e dada, geralmente, no seio de uma família, legítima ou ilegítima.

Para Dencker (2007, p. 12) a sociedade contemporânea “se estrutura em redes, com elevados níveis de incerteza, onde a aposta no acolhimento do outro, mesmo envolvendo riscos, é fundamental para o estabelecimento de alianças que formam a rede de sustentação dos vínculos que estão na base da sociedade”.

Neste artigo, busca-se, baseado em um texto de Caillé (2005) uma reflexão sobre uma das dimensões da dádiva: a palavra. Para o autor, “a circulação da palavra permite

---

<sup>3</sup> MAUSS, Marcel. **Antropologia e Sociologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.  
-----*Essai sur Le Don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*, publicado originalmente no *Année sociologique*, sécond série, T. 1, 1923-24.

o estabelecimento de relações de aliança e de afinidade”, (CAILLÉ, 2002, p.100) evidenciando o tipo de circularidade presente nos bens preciosos nas sociedades arcaicas.

Concebendo a sociedade contemporânea como uma sociedade repleta de carências em campos diversos, este estudo procura refletir sobre a importância da ocorrência da dádiva no mundo moderno, buscando a sensibilização do tema, sob a ótica do poder existente nas palavras.

Uma dinâmica de grupo, realizada com 14 (quatorze) alunos da disciplina “Cultura, Dádiva e Hospitalidade”, no período letivo 2009/2, do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, funcionou como metodologia para as colocações aqui abordadas. O exercício realizado com o grupo possibilitou a percepção da função social da comunicação na prática da hospitalidade.

## **Dádiva**

A dádiva consiste na proposição de ligações, acordos de apaziguamento e estabelecimento de vínculos. Ao pensarmos neste conceito, referimo-nos a trocas não necessariamente materiais, mas falamos de relação social. “O dom serve antes de mais *[sic]* para estabelecer ligações. [...] o dom é, não uma coisa, mas uma relação social.” (GODBOUT, 1992, p14-15)

Mauss identificou nas sociedades arcaicas, três momentos da dádiva: dar, receber, retribuir. Nesta concepção, os bens circulam a serviço do estabelecimento de laços sociais. Caillé; Graeber (2005, p.18) afirmam:

Nas sociedades arcaicas, selvagens ou tradicionais [...] as trocas não se efetuam sob a forma de mercado, do escambo, do “da cá, toma lá”, mas sob o modelo do que Mauss chama de tripla obrigação: dar, receber e retribuir. [...] a obrigação de dar descoberta por M. Mauss nada tem a ver com uma obrigação caritativa. Ela é, sobretudo, a obrigação de provocar os outros a um desafio de generosidade[...].

Para Godbout (1992, p.22), o dom constitui num sistema:

[...] é preciso conceber o dom formando um sistema, não sendo esse sistema outra coisa do que o próprio sistema social enquanto tal. O dom constitui o

sistema das relações propriamente sociais enquanto estas são irredutíveis às relações de interesse econômico e de poder.

Desta forma, pode-se refletir sobre as relações sociais na contemporaneidade, a partir da teoria do dom. As dinâmicas de proximidade humana, reveladas no contexto da complexidade atual, devem servir de apoio para nossa sociedade que se revela tão carente de apoio e ajuda, nos campos da segurança, da proteção e da justiça. Este mundo que se apresenta vulnerável, reforça “a consciência de que a fragilidade e incerteza são marcas da aventura humana enquanto aventura existencial”, segundo aponta Baptista (2006, p. 2).

Entretanto, essa fragilidade pode ser revertida, reexaminada e discutida a partir do momento em que se fortalecem as relações sociais. Relações caracterizadas pela interação com o outro. Este sujeito, o “outro”, pode não estar necessariamente dentro de seu convívio social ou de *hall* de conhecidos. Esse outro é apontado por Baptista (2006, p.3) como “qualquer outro [...] detentor de uma vida interior e de uma história radicalmente singular”. Portanto, o outro pode ser qualquer indivíduo dotado de vida. “[...] o outro é outra liberdade, outro modo único de ser”. “[...] a presença em sociedade de uma multiplicidade de outros não vem limitar, mas sim abrir o espaço de liberdade de cada um”.

Neste sentido, Dencker (2007, p. 12) afirma que o acolher e abrir-se para “o outro, o diferente, possibilita o estabelecimento de redes espontâneas de relações que os indivíduos mantem uns com os outros, circulando informações assegurando a coerência e a coesão, por meio do desenvolvimento da sociabilidade”.

Segundo Godbout (1992, p.11): “o universo do dom requer o implícito e o não dito. A magia do dom não é susceptível de atuar se as suas regras não continuarem informadas.” O autor aponta que a dádiva existe no estabelecimento de ligações e serve primordialmente para isso: “é preciso pensar o dom não como uma série de atos unilaterais e descontínuos, mas como uma relação.” (GODBOUT, 1992, p.15).

## **A dádiva das palavras**

A palavra pode ter uma força transformadora para o ser humano e ser recebida como um verdadeiro presente. Neste sentido, seria uma dimensão da dádiva por estar a serviço das relações. Caillé (2002, p.100) afirma:

Uma parcela não negligenciável de nossas trocas de palavras consiste em dons rituais de pequenos presentes verbais anódinos e perfeitamente padronizados. A expressão obrigatória da solicitude pela saúde dos outros, como a das opiniões sobre o tempo, não implica nenhum compromisso particular; nem cria nenhuma dívida, já que a réplica e o equivalente são fornecidos imediatamente.

Ao abordar a dádiva como um sistema, Godbout (1992, p.21) também respalda a palavra enquanto dimensão do dom ao afirmar que um dos indicativos deste sistema é obtido através de uma “reflexão sobre o estatuto e a função da palavra”. [...] “São palavras, frases e discursos que o ser humano produz e troca em primeiro lugar com os outros.” (GODBOUT, 1992, p. 21). Para o autor, semelhantemente aos bens preciosos das sociedades arcaicas, a palavra não pode circular, sem que seja criada e simbolizada a relação que autoriza a palavra entre uns e outros.

É assim que se “dá” a palavra a alguém, ou que, se ela é recusada, a “tomamos”. E, de resto, tomamo-la não sem antes termos dito “*pardon*”, “obrigado”, “*gracias*”, “*grazie*”, “*thanks*”, visto que também é preciso agradecer ao outro o dom que ele nos faz ao falar conosco, significando que falando nos pomos à mercê do outro, e que é assim que nos expomos a “obrigá-lo” e a tornarmo-nos “obrigados” por ele. (GODBOUT, 1992, p.21)

Se, conforme afirma Godbout (1992, p.21) “a palavra é antes de mais nada destinada ao outro enquanto outro”, seu uso parece ficar escasso, pois eu não encontro mais o “outro”...ou não o vejo. A negação do outro é relatada por Baptista (2006, p.7) quando afirma que a “indiferença em relação ao destino do outro só pode ser vivida como um egoísmo sem inocência”, e acrescenta que este processo de exclusão é feito de forma consciente e, portanto, “inacessível à luz dos valores de humanismo universal”.

Não é incomum ouvirmos moradores de grandes cidades comentando que não conhecem seus vizinhos e que são inúmeros encontros que ocorrem, por exemplo, em elevadores, em que as pessoas são incapazes de dizer “Bom dia; Boa tarde; Boa noite”. Situações assim são comuns em diversos outros momentos do “convívio social”. Muitas vezes parece que a modernidade insiste também em diminuir cada vez mais os momentos de interação com o outro. Pensemos no usuário de um ônibus em uma cidade como São Paulo, por exemplo, que não mais precisa interagir com o trocador, apenas necessita encostar seu “cartão eletrônico” em uma máquina que computa o valor de sua passagem. Cada vez menos precisa-se ir até um local para fazer compras ou realizar transações bancárias, tudo é feito através do computador, com auxílio da internet.

Para respaldar a palavra como uma das dimensões da dádiva, Caillé (2002, p.99) afirma que é possível “dar, tomar, retribuir, retomar a palavra”. Usando o exemplo de uma cerimônia em que um orador agradece ao auditório que o ouviu e ao presidente da mesa que lhe deu a palavra, o qual, por sua vez, retoma a palavra agradecendo ao orador, o autor afirma que a linguagem do agradecimento seria utilizada de maneira ritual na ocasião apresentada. Para ele, neste exemplo, são percebidas duas dimensões do dom paradoxais: “o da graça e da gratuidade, por um lado e, por outro, o da obrigação. Aos doadores de palavras lhes demonstramos homenagens [...] ou lhes ficamos agradecidos. (CAILLÉ, 2002, p.99)

Para o autor, a palavra e o que o falar quer dizer servem para permitir a abertura de uma relação interpessoal.

Como os bens preciosos nas sociedades arcaicas, a circulação da palavra permite estabelecer relações de aliança e de afinidade; aliás, seu único conteúdo será, na maior parte das vezes, permitir a circulação, mais ou menos livre, da palavra. (CAILLÉ, 2002, p.100).

O estabelecimento de alianças também é retratado nos clássicos estudos de Pichon-Rivière (1998), para quem o vínculo é sempre um vínculo social, ainda que com uma só pessoa: “através da relação com essa pessoa repete-se uma história de vínculos determinados em um tempo e em espaços determinados. Por essa razão, o vínculo se relaciona posteriormente com a noção de papel, de status e de comunicação”. (PICHON-RIVIERÉ, 1998, p.31)

O autor ainda enfatiza (p.31) “que aquilo que o homem tem de mais primitivo e *imperioso é a sua necessidade de comunicação: por essa razão, interpreta tudo* aquilo que ele faz tem esse significado profundo, expressado no sentido da comunicação”.

Habermas sugere que grande parte dos conflitos são gerados pela distorção na comunicação, gerados principalmente por “mal-entendidos, incompreensão, falta de sinceridade e impostura”. Para ele, quando estes conflitos não são solucionados os indivíduos recorrem aos tribunais e aos consultórios terapêuticos para apaziguamento dos problemas. (BORRADORI, 2004, p.73 e 74). A questão da comunicação civilizatória é então colocada em contexto, pois através desta os laços sociais se fortalecem para ascensão de uma democracia.

A palavra e seus múltiplos usos conduzem ao pensamento da mesma como um fator de hospitalidade ou hostilidade.

### **O uso de dinâmicas de grupo**

A realização de dinâmicas de grupo é fortemente utilizada no fortalecimento de equipes, em especial, no setor empresarial. É considerada uma equipe, segundo Moscovici (1999, p. 5) “um grupo que compreende seus objetivos e está engajado em alcançá-los de forma compartilhada. A comunicação entre os grupos é verdadeira, as opiniões divergentes são estimuladas (...), respeito e mente aberta e cooperação são elevados. O grupo investe constantemente em seu próprio crescimento.” O desenvolvimento de equipes (DE), de acordo com Moscovici (1998, p.15) é dirigido a grupos de pessoas que “precisam unir esforços nos procedimentos de trabalhos e na resolução de problemas. É uma intervenção psicossocial no sistema humano da organização”.

Os processos compreendidos são “a aplicação, inovação e aperfeiçoamento e conhecimentos e técnicas de dinâmica de grupo, educação de laboratório e desenvolvimento interpessoal no contexto da organização”. Através das diversas práticas procura analisar os estilos e práticas para um melhor funcionamento do grupo. Moscovici (1998, p.15) adiciona:

É também uma prática de diagnóstico organizacional e de estabelecimento de métodos [...] este processo propõe mudanças significativas pessoais e interpessoais de conhecimentos, sentimentos, atitudes, valores, motivação, postura, comportamento. É uma atividade de educação permanente e não de tempo limitado.

Moscovici (1998, p.16) alerta que esse modelo deve ser adequado as necessidades, objetivos e características do grupo e da organização, e ainda momento de sua história (contexto- espaço- tempo).

### **Resultados da experiência “falar bem pelas costas”**

Para reflexão neste estudo, optou-se pela aplicação da dinâmica “Falar bem pelas costas”. A origem dessa dinâmica é desconhecida e sua escolha foi fruto de experiências anteriores de uma das autoras. Fritzen (2001, p.74-75) propõe uma atividade semelhante à qual dá o nome de “Exercício de bombardeio intenso”, onde o autor explica que o objetivo “é expressar sentimentos positivos, de carinho e afeto para com uma pessoa.”. (FRITZEN, 2001, p74).

A dinâmica consiste em colocar um voluntário de costas para os demais presentes e solicitar que cada um fale uma característica positiva, uma qualidade do voluntário de costas.

O objetivo da dinâmica foi explicitar, a partir de seu uso, a palavra como uma das dimensões da dádiva. Buscou-se de maneira prática confrontar este entendimento em uma dinâmica em que as percepções e sensações dos participantes dariam a resposta ao questionamento se a palavra é uma dimensão da dádiva.

Em uma classe de 16 (dezesseis) alunos da disciplina “Cultura, Dádiva e Hospitalidade”, do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação do professor tutor, 14 (catorze) alunos participaram da dinâmica de forma voluntária. A fim de resguardar a privacidade dos participantes optou-se pela omissão dos nomes, sendo estes designados como participante 1 e assim sucessivamente.

É importante para a compreensão da dimensão da discussão deste artigo, que esta dinâmica ocorreu em um grupo onde a hostilidade e a competição não faziam parte



das características do grupo, e todos estavam dispostos a refletir sobre o tema dádiva no contexto da dinâmica.

Apesar de ser apenas uma pequena amostra, a dinâmica realizada permitiu que todos os presentes percebessem o poder de uma palavra. Neste sentido, refletiu o participante 1: *“A palavra desperta o que temos de melhor. É muito estimulante. Do mesmo jeito que a palavra negativa derruba. O poder da palavra está em estimular o que temos de melhor. Nossa tendência é corresponder àquilo que recebemos, Portanto, receber apontamentos positivos do que somos é poderoso, mágico”*. O participante 2 acrescentou: *“Freud tem uma fala que é a cura pela fala. Então, pela palavra. É como a expressão de você, do seu íntimo, do seu mais precioso pra você curar, pra ficar melhor. A atividade realizada aqui é a expressão para que você receba isso e pense no que fazer com o que recebeu. Pensando no conceito de hospitalidade, enquanto relação, acolhimento, nos leva a refletir sobre o quanto é importante receber coisas boas para que possamos também poder dar coisas boas.”*

Se a modernidade nos traz facilidades que diminuem a necessidade de interação com outros e se a própria dinâmica do trabalho leva a isso, foi possível perceber, ainda que em um exercício com um número reduzido de pessoas, que a palavra é poderosa porque, ao ser dita, mostrou que o outro é visto, percebido, tem um rosto.

Nas reflexões sobre a dinâmica em si, os participantes relataram o quanto foram surpreendidos com o que receberam através de cada palavra dita por um colega. Cada voluntário, ao se posicionar de costas para os demais, recebeu pelo menos 15 (quinze) palavras positivas sobre si. Estas, muitas vezes traziam um efeito de satisfação imensurável, pois refletiam como cada um era visto pelos outros: *“Uma coisa que me surpreende um pouquinho é você saber que vai receber palavras positivas mas é muito gratificante porque você não sabe quais são as palavras e o que vem. Então nos deixa bastante tocados. Surpreende! Ate porque você não espera de algumas pessoas o que vem, você não sabe. Virá algo bom, porque esta é a proposta, mas é muito gostoso, muito agradável”* (Participante 3).

Esta colocação corrobora com Mailhot (1998, p.74) que aponta que

[...] quanto mais comunicações intra-grupo forem abertas, positivas e solidárias, mais as comunicações intergrupos terão possibilidade, em

conseqüência, de serem autênticas e de não servirem de evasão ou de compensação a uma falta de comunicações internas em seu próprio grupo.

O participante 4 refletiu sobre o quanto a dinâmica pode ser valiosa em qualquer ambiente: *“Fico pensando... esta dinâmica em um ambiente de trabalho hostil... até lá funciona porque o propósito da dinâmica é que você identifique algo bom, mesmo naquele com quem você não se identifica. Ele pode ter muitas coisas que me incomodam mas, na verdade, eu também identifico algo positivo nele, reduzindo assim, a hostilidade”*. Esta fala concorda com Moscovic (1970, p.13) que relata que *“as táticas de diálogo, atentando, sobretudo para a resolução de problemas, permitem descobrir alternativas de controle de conflito”*.

O participante 5 falou da importância de palavras positivas no mundo que vivemos: *“Por que nos sentimos satisfeitos e surpresos com a dinâmica aplicada? Porque sabíamos que em cada palavra dita havia sinceridade...assim, ouvir foi muito bom! E no mundo em que vivemos, recebe-se muito o negativo, o individualismo, a não preocupação com o outro. Hoje, por exemplo, talvez tenha sido um dia difícil para muitos de nós e a participação na atividade nos possibilitou receber elogios, os quais quase nunca são ditos. Ouvi-los trouxe incentivo.*

O participante 6 refletiu sobre o fato de que a percepção do outro sobre você expressa em uma palavra: *“Na dinâmica surgem expressões que vão definindo você de acordo com o olhar do outro. Assim, você vai sendo moldado no imaginário do outro e surgem opiniões que você pode ou não esperar. É interessante a brincadeira, e interessante a revelação”*. E foi completada pelo participante 7: *“Eu senti também a palavra como um espelho. Você ouve a palavra e você se vê no espelho refletido naquela palavra”*.

Neste sentido, o participante 8 também acrescentou: *“Nós não sabemos a percepção que as pessoas têm de nós. Com a dinâmica, você descobre em que ângulo cada pessoa está te vendo. É por isso que nos surpreendemos. Porque você não tem idéia de como as pessoas te enxergam!”* E também o participante 9: *“Vai criando a identidade de cada um. O que cada um pensa de nós, como pensa. E aquilo que nós achamos que somos [...] são palavras que não estamos acostumados, mas que ajudam bastante. E uma coisa que me chamou a atenção é a questão da empatia. Você se*

*colocar no lugar do outro sem ser o outro. Você falar é uma coisa, você se posicionar de costas para ouvir, é outra*”. Aqui, o participante se referia à posição em que o membro do grupo era colocado para ouvir palavras positivas sobre si.

O participante 11 apontou a relevância não somente do uso da palavra, mas também dela associada a gestos, ao olhar. Durante o exercício realizado, o que se pronunciava e o que ouvia não se entreolhavam, porém, a entonação da voz podia ser percebida e esta acrescentava valor à experiência, pois uma comunicação estava sendo realizada. Mailhot (1970) já apontava que “quanto mais a expressão conseguir integrar a comunicação verbal e não-verbal, mais a troca com o outro terá possibilidade de ser autêntica.

Propôs-se uma reflexão no intuito de verificar se a palavra seria considerada uma dádiva. Sobre esta indagação, foi dito: *“Sem nenhuma dúvida é uma dádiva muito poderosa. E além do poder que ela exerce com relação à questão de estabelecer uma relação, um vínculo ou mesmo de afastá-la, está disponível a todo minuto, a toda hora, a qualquer momento você pode ter uma palavra de incentivo, de carinho. De apoio. É assim...você não precisa de nada, é só ter a essência que é o espírito de dar, de entrar em contato mesmo com a pessoa de uma forma de vínculo e não automática...e um recurso dos mais valiosos”*. (Participante 1)

No momento de considerações sobre o exercício realizado, percebeu-se que o ambiente entre os discentes havia mudado. Ao mesmo tempo em que muito poderia ser relatado sobre a experiência, a necessidade de silêncio era eminente. Mas não uma necessidade de ficar sozinho, queria-se permanecer junto àquele grupo. As pessoas desejavam refletir sobre tudo que ouviram e sobre o efeito que as palavras haviam causado.

Era perceptível que algumas pessoas jamais se olhariam da mesma maneira, pois aqueles “colegas de classe” haviam dado uns aos outros uma abertura para uma relação; o vínculo estava estabelecido. E, como na lei não escrita da dádiva, do sentimento de necessidade de retribuição, aquilo que ouvi me levava a querer passar algo ainda melhor ao meu colega. O que foi possível constatar é que cada participante, ainda que não se lembrasse de cada palavra ouvida, jamais se esqueceria daquela experiência.

Poder-se-ia ousadamente afirmar que a experiência do grupo foi uma amostra da Teoria da Ação Comunicativa (1981) de Habermans, onde o autor pressupõe que “nós aprendemos quem somos como agentes autônomos a partir de nossas relações básicas com os outros. A mais fundamental dessas relações é o ato de comunicar com a palavra” (BORRADORI, 2004, p.58).

### **Considerações finais**

O estudo realizado através deste artigo, apesar de sua pequena amplitude, trouxe resultados muito significativos: pensando na comunicação na sociedade moderna, percebeu-se o quanto uma palavra pode fazer diferença na vida de um indivíduo. Refletir sobre a palavra como uma dimensão da dádiva demonstra mais uma vez a forte e necessária presença desta no mundo atual.

A realização da dinâmica “Falar bem pelas costas” provocou uma surpreendente sensação de bem estar e satisfação nos participantes ao ponto de alguns denominarem a posição em que o voluntário se colocava, “de costas”, como “mágica”.

No instante em que o voluntário terminava de ouvir as palavras ditas pelos colegas, por alguns instantes, o mesmo ficava “sem palavras”! E, por mais que soe contraditório, esta ausência do que dizer, na verdade, reforçou o poder da palavra e sua força enquanto uma dimensão da dádiva, pois, “calado”, o participante estava refletindo e desfrutando do que ouviu. Era perceptível que um impacto havia sido causado.

Cada voluntário transmitiu a sensação de se sentir presenteado com o que ouviu, reforçando o pensamento de Caillé (2002, p.100), para quem uma parcela importante de nossas trocas verbais são como pequenos presentes.

Assim, concluiu-se que a palavra é uma dimensão do conceito de dádiva, ao ser capaz de instituir vínculo e aliança, e também de possibilitar o desejo de retribuição ao que se recebeu.

## REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, I. Para uma geografia de proximidade humana. *Hospitalidade*.ano :II, nº 2, 2005.
- BAPTISTA, I. Capacidade ética e desejo metafísico: uma interpelação à razão pedagógica (no prelo), 2005.
- BAPTISTA, I. Para uma pedagogia de proximidade humana. *III Jornadas de Animação sociocultural*. Chaves, 2006.
- CAILLÉ, Alain. A dádiva das palavras: o que o dizer pretende dar. In: MARTINS, Paulo Henrique (Org.). **A dádiva entre os modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002, 205 p.
- \_\_\_\_\_; GRAEBER. Introdução. In: MARTINS, Paulo Henrique (Org.). **A dádiva entre os modernos**: discussão sobre os fundamentos e as regras do social.. Petrópolis: Vozes, 2002, 205 p.
- DENCKER, A.F.M. Comunicação e hospitalidade nas organizações. XXX Intercom 2007 - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 2007.
- FRITZEN, Silvino José. *Exercícios práticos de dinâmica de grupos*. 31ªed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GODBOUT, Jacques T. *O espírito da dádiva*. Trad. José Pedro Cabrera. Paris: Éditions La Découverte, 1992.
- LANNA, Marcos. *Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a Dádiva*. In: Revista de Sociologia e Política. nº14. Universidade Federal do Paraná: junho de 2000.
- MAILHIOT, Gerald Bernard. *Dinâmica e gênese dos grupos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.
- MARTINS, Paulo Henrique. (org.) *A dádiva entre os modernos*. Vozes, 2002.
- MOSCOVICI, Fela. *Equipes dão certo: a multiplicação do talento humano*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1999.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *Teoria do Vínculo*. 6ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.